

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 49

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, de 26 outubro de 1911

Administrador,
N. L. de Carvalho
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAVO GALVÃO

As ultimas notas

Andam agora alarmados os ingenuos com as correrias impertinentes de D. Paiva, na fronteira. Já não têm conta as atribuições desta pobre gente, confiada numa arremetida em forma de meia duzia de aventureiros, «sem fé nem lei» assalariados por um bando de traidores, quixotescos e desvairados, por sua vez ás ordens duma Companhia estrangeira que tinha em Portugal uma especie de Paraguay da Europa, livremente espoliado á custa dos mais revoltantes tramas, «ad majorem Dei gloriam». Pois se os fins justificavam os meios, como lá diz a sua moral! Contudo, não é extranho, nem motivo para alarme, o caso picaresco e fraudulento da conspiração que se arrasta na fronteira, num louco tentamen de vida, perdidas afinal as mais solidas esperanças de salvação.

Isto, meus caros, é de todos os tempos e de todos os logares. Sempre na hora derradeira, o individuo ou a sociedade que se acaba, exercita, sem confiança nem valor, a ultima reacção, geralmente violenta, onde não é lícito vermos já uma clara demonstração de forças, mas o partir-se o elo da fragil cadeia, que ainda mal o podesse prender á vida.

São as ultimas notas do agonizante: o ultimo esforço de quem já não pode lutar. Que não nos assuste o ruido do estertor, porque elle só serve para confirmar uma fraqueza intima. Também o edificio que se desmorona produz ruido na queda, e vós bem sabeis que alli não ha mais do que um montão de ruínas. Urge apenas revolve-lo e limpa-lo.

Outra coisa não é a conspiração — restos dum regimen que caiu de pôdre, afogado no lódo das suas más acções esmagado ao peso da sua propria doença.

Realmente, se eu me quizesse demorar aqui a fazer a autopsia desse cadaver, onde pastavam e engordavam os vermes, por sobre as corrupções pôdres que o minaram, veríamos que elle acabou victima duma serie de orgias phantasticas e escandalosas, com que pretendia enganar e encobrir uma miseria extrema, que nem ao menos lhe dava direito á insignificancia duma mortalha.

O que então se passava, a dentro dum regimen agonizante e de ostentação, era uma procissão de doidos furiosos, entoando o seu proprio rito funebre, a caminho da sepultura. Simplesmente extravagante e lugubre, hediondo e grotêso: uma scena de tragedia representada sobre um palco de lama; o atascar-se duma sociedade por entre os gritos estonteantes duma bacchanal; a gargalhada idiota em meio do suicidio. Por-

que elles morreram como verdadeiros suicidas.

Não fomos nós que lhes abrimos a cova, que os seus passos encontraram; mas nós que, impellidos por um sentimento de misericórdia, a cobrimos. E assim, o fogo purificador da Revolução não se accenderia, se não fosse o receio dos miasmas que, porventura, ainda podessem empestiar os ares. E os miasmas ahí os tendes, tentando debalde empeçonhar-nos.

E' que a Republica foi excessivamente benevola com individuos que, cheios de instinctos e de vinganças torpes (como já escrevia algures) por nada deixariam de anavalhar esta querida Patria ou de cuspir sobre ella o veneno dos seus odios.

Não é que recebemos uma victoria: simplesmente eram desnecessarias estas impertinencias. Não pode salvar-se quem, como elles, saltou a pés juntos no atoleiro. Todo o esforço, todo o movimento serve apenas para, mais funda e rapidamente, cavar a sepultura.

E aqui occorrem-nos naturalmente as algaras da Bretanha, que V. Hugo descreve magistralmente n'Os Miseraveis. Terreno movediço e falso, sem um unico ponto de apoio, onde o individuo se firme, são as algaras. O peso do proprio corpo basta, para elle se ir sumindo; porém, se estremece num vislumbre de vida, então accelera a morte, que, de qualquer forma, era sempre fatal. Imaginae que os conspiradores estão nestas condições, e por cima o peso da sua infamia, a arrancar-lhe todas as esperanças de salvação; e teres esclarecida a verdadeira situação e, ao mesmo tempo, encontrado o mais formal desmentido á vossa ingenuidade.

Achareis então que esses estrelecimentos dolorosos na fronteira — prenuncios de morte — são (como já foi dito) as ultimas notas do agonizante.

Resta apenas á Companhia rezar-lhe pela alma.

Vasques Calafate.

Nota local

A boateira mestra

Toda a gente que venha de outras terras, estranha, ao chegar a Guimarães, a prodigalidade de boatos que n'ella correm, qual d'elles o mais disparatado, qual d'elles o mais absurdo.

Nós não estranhamos, porque, sendo o boato irmão da bisbilhotice e esta prima direita da gente devota que não tem que fazer em casa para se occupar no mister de levar e trazer, e como a nossa terra, além de pequena que é peca por esse defeito, chegando a exceder a cidade dos arcebispos, é natural que assim succeda para salvação das suas almas.

Damos, para amostra, os boatos mais alarmantes:
«O internato municipal está excomungado.»

«O governo vai mandar queimar todos os padres presos por conspiradores.»

«O governo vai mandar fazer uma abertura no porão dos navios para lançar ao mar os conspiradores com uma pedra ao pescoço.»

«Os carbonarios, que na ultima sexta-feira tinham chegado a Guimarães em grande numero, iam fazer uma grande manifestação á monarchia para lançar a mão a alguns monarchicos.»

«O S. Raphael encolheu por castigo de Deus.»

Tirada a prova real, nada deu certo. A excommunhão não evita que no internato habite o intelligente conego Sanches, nem que os alumnos dos outros internatos lá vão dar as lições. Os carbonarios não appareceram (dizem agora que por medo), e os conspiradores presos passam sem novidade na sua importante saude, regosijando se intimamente, pela certa, com o desastre do cruzador, que representa uma perda nacional e que não é d'este nem d'aquelle partido, mas que á sua doida aventura deve agradecer-se.

A carbonaria

Esta instituição secreta organizada no nosso paiz para fazer a revolução republicana, não foi, depois do triumpho, extinta — e d'ahi talvez convenha que o não seja tão cedo, pois pode e deve continuar a prestar na conjuntura presente, relevantes e optimos serviços de defeza patriótica.

Reconhecimento, portanto é devido a esse punhado de devotos cidadãos que, sem outro premio ou recompensa além da satisfação pelo dever cumprido, tantos e tão extraordinarios sacrificios tem feito em prol da Patria e da Republica. Conveniente se torna, todavia, distinguir que o seu papel hoje está sendo mal interpretado e excedido por alguns dos seus membros, pois, repeli-mos, quem se os seus serviços, mas sem aquella ostentação irritante e pernicioso que por certos logares se tem visto.

Queremos que um carbonario seja respeitado e temido pela sua reconhecida competencia na acção de vigilancia e defeza, mas concordemos que se tem feito um exhibicionismo de papão, tão grotêso e palerma que, em vez de fortificar e engrandecer a secreta organização da Carbonaria, a desprestigia e enfraquece.

Em resumo: para nós merece tanta sympathia o carbonario que age com consciencia e presteza, quanto nos aborrecem aquelles que, apregoando-se, sem motivo, só de bombas e attentados encham as discussões mais futeis.

Estes, por certo que não arrostariam valentias se a policia os tivesse de tomar como quem são — inimigos declarados do socego.

ECHOS

Principe prophetic

Algures lemos que o principe Miguel, que segue atraz na ambulancia das hostes temidas de Couceiro, afirmou que — «ou pouco pode ou passaria o Natal d'este anno no Porto!»

Já é; pois que á força de seguir atraz dos outros era crível que até perdesse a esperança de chegar... a entrar na cadeia!

Padres pensionistas

Com caracter provisório foi arbitrada a pensão aos seguintes padres do concelho:

S. João d'Airão, 17.000 reis.
Nossa Senhora d'Oliveira, reis 18.000.

S. Paio, 18.000 reis.

S. Miguel de Creixomil, reis 20.000.

S. Salvador de Pinheiro, reis 25.000.

Art. 152.º.—Em caso de morte de um ministro do culto catholico, occorrida depois de fixada a pensão, ou desde o dia da proclamação da Republica, verificando-se, a requerimento dos herdeiros, que teria direito a ella, o Estado concederá metade ou a quarta parte da pensão fixada ou devida ás seguintes pessoas de sua familia, etc.

Diplomacia

Dizem os jornaes que o rei de Hespanha felicitára o nosso ministro, alli, pelo malogro da conspiração monarchica.

São sentimentos que ficam muito bem a toda a gente... menos a um rei!

Sim, para que nos havemos de illudir?!

Paralyisia

Os enviados especiaes da imprensa correm atraz dos paivantes com uma devoção profissional... como os leitores correm gostosamente atraz das suas narrativas.

Só uma coisa ha que não corre mesmo nada: — é o negocio!

Tão bons!...

Houve ingenuos que nutriram esperanças de que isto voltasse... ao antigo. Ha imbecis que, a despeito de tudo, ainda vivem dentro dessa confiança.

Isto só prova que em todos os tempos existiu gente com genios muito divertidos!

Pois sim...

A Hespanha diz que tem sido correcta com a nossa Republica — embora haja quem, discutindo os seus processos de correcção, os ponha em seria duvida.

Nós só temos a esclarecer que não duvidamos de que os peores inimigos... são os inimigos da porta.

Ora, mas vamos vivendo — desconfiando sempre!

Não os lamenteis!

Os padres dizem-se victimas, não da Republica — que importam os regimens? — mas da lei que separou a Igreja do Estado.

Assim é; mas reparem que em antes era a Nação, era a consciencia publica, victima d'um privilegio só util aos padres...

A moral religiosa é quem lucrrou, creiam!

Nós protestamos!

O desacato publico promovido contra a pessoa do dr. Antonio José d'Almeida é dos acontecimentos que profundamente contristam pelo seu significado de chateza civica que revelam, — pois não se comprehende que um homem da envergadura moral e politica do grande cidadão, que ainda hontem era o paladino audaz e valoroso da Republica, seja, já hoje, — por uma simples e natural propensão pacifista da sua alma — apodado com o ultrajante epitheto de traidor!

Não se comprehende... ou antes, descobre-se que a circumstancia amarga e dolorosa de se ver numa praça publica da republicana Lisboa injuriada essa figura de tribuno, tão consagrada e querida por todos nas horas terribes de proselytismo e evangelisação, está no facto de por demais se ter tentado fazer acreditar que, quem no presente momento não segue um determinado grupo politico, é declaradamente contra a Republica!...

Nós entendemos, sem paixões partidarias, que, se o ministro ou o parlamentar Antonio José d'Almeida alguma vez falhoti aos nossos designios, não deve isso ser tomado á conta de menos lealdade patriótica e republicana, pois que essa abjecção nunca a conheceu o combatente audaz, o cidadão prestigioso que a nossa sympathia tanto distingue, admira e quer.

O peor inimigo

Parece que o boato tem sido, e continua a ser, o maior e mais invencível inimigo da Republica. Calculem que, enquanto os conspiradores se limitam a fazer o jogo do esconde-esconde, a phantasia do medo, cultivada pelos especuladores, vaé fermentando o boatosinho tendencioso e malevollo — até ao ponto de haver quem fuja, não diante das baionetas d'um bando incursor, mas diante d'essa arma mais perigosa, mais viva e mais real: — a lingua dos boateiros!

T'arrengo!

Semeando ventos...

No Rocio, em Lisboa, foram presos dois estudantes reaccionarios que incitavam á greve os vendedores de jornaes, alvitrandolhes o empastelamento do typo nas redacções dos periodicos avançados; e quatro individuos chegados, ha dias, de Pariz procuraram refugio nos arredores de Lisboa, por lhes terem dito que estava emminente uma grande revolução na cidade. E assim por ali fóra, semeando o descredito do paiz, o panico no povo ingenuo e a mentira no estrangeiro, animados pelo papão da fronteira gallega. Corja!

E depois segredam pelas esquinas, por toda a parte, em ares mysteriosos, tocando-se os narizes e olhando em volta: — «Isto vaé muito mal!...»

REPORTAGEM

Noticias militares

Apresentaram-se em infantaria n.º 20: de licença, nos termos do regulamento disciplinar, o tenente, snr. Francisco Martins Ferreira; de licença, nos termos dos quartéis generaes, o capitão, snr. Rodrigo Augusto de Sousa Queiroz; da junta hospitalar d'inspecção, o 1.º sargento, snr. Gemeniano Saraiva. Foi condecorado com a medalha militar de cobre da classe de comportamento exemplar, o 2.º sargento de infantaria n.º 20, snr. Joaquim Pedro d'Oliveira. —Deu parte de doente no seu quartel o capitão, snr. Rodrigo Augusto de Sousa Queiroz. —Foi concedido ao 1.º sargento, snr. Antonio Guerreiro, assistir como ouvinte, ás aulas de Francês e Inglês no lyceu nacional d'esta cidade. —Entrou no gôzo de 20 dias de licença disciplinar o musico de infantaria n.º 20, snr. Annibal.

Descanço nas farmacias

Mappa das Pharmacias que se conservam abertas nos dias abaixo designados:

Outubro	
DIAS	PHARMACIAS
29	Cunha Mendes

Não ha boas republicas com maus cidadãos. Pensemos todos nesta verdade.

ADMINISTRAÇÃO REPUBLICANA

O illustre Governador Civil do Districto corta algumas verbas inuteis no orçamento geral da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, fazendo-as converter em beneficio da assistencia hospitalar

Numa epocha em que um metaphysismo doentio e perturbante trazia immerso o espirito humano na mais negra noite supersticiosa; numa phase da humanidade, em que a moral social, regida por ideias religiosas obcecantes, trazia chumbada aos pés a grilheta d'uma sciencia fundida em dogmas e explicada pela theologia abstracta; num tempo, finalmente, em que todas as manifestações da vida na terra se resentiam dos receios d'um juizo final, onde transparecia esse apavorante e phantasmagorico quadro das fomalhas expiatorias d'um inferno perpetuo, ou as grelhas purificadoras d'um purgatorio de transição—havia a apreensão sinistra de comprar n'este mundo titulos de caridade sufficientes para, d'essa maneira, resgatar a alma de culpas e peccados.

E' certo que, já então, alguns espiritos meos offuscados por esse fanatismo grosseiro—dos que julgavam escalar o ceu com missas e rezas encomendadas — traduziram d'um modo superior o seu sentimento religioso, legando os seus recursos de fortuna para obras pias de beneficencia e philantropia social,—como sejam esses monumentos de socialismo christão chamados Asylas, Ordens e Misericordias. O maior numero, porem, olhando a terra com torvo desprezo, obedecendo mais a um egoismo exagerado pelo medo, que a principios de bondade, de magnanimidade e de amor aos semelhantes, alimentou esse fetichismo, que, como aza de morte, encheu de obscurantismo e de trevas toda a noite da Idade-Media.

Quem se dê a ver esses velhos estatutos de irmandades e confrarias, ali depára e vê que a sua maxima e privilegios maiores consistem em dispensar aos seus confrades, não tanto o auxilio no desemprego, na doença ou na velhice (esta vida é um «emprestimo»), como nas recompensas,—ephemeras recompensas—para as suas almas e mais para as almas dos seus parentes!

Assim vivia a pobre humanidade, soccorrendo-se os felizes da sorte d'este expediente commodo, conseguindo, na peor das hypotheses, que os outros impetrassem por elles um bom logar junto dos poderes celestes, mediante o pagamento antecipado d'alguma groza de missas, cera nos altares, ou então um côro sacro de mil padres a grasnar latim!

Resultado: tres vezes nove, vinte e sete... nada, quem morreu foi o «cacada»—como sentenciosamente já vaé dizendo o povo, farto de hypocrisias, de mentiras, e, sobretudo, farto de histriões de

consciencias, de exploradores do seu dinheiro!

E, como é dever de quem superintende nos destinos d'isto, d'esta caranguejola chamada corpo, collectividade ou organismo social, retocar arestas vivas e remover absurdos—attentatorios, não já do seculo em que vivemos, mas até da propria dignidade humana — nada mais justo, nem nada mais logico do que a medida que acaba de ser tomada pela auctoridade superior do districto, o ex.º Governador Civil Dr. Manoel Monteiro, fazendo cortar no orçamento da nossa Santa Casa da Misericordia algumas verbas improductivas, e, por isso mesmo, contrarias aos fins da assistencia publica.

Segue a copia do despacho, passado em 19 do corrente:

«Tendo Sua Ex.ª o Ministro do Interior concedido por despacho de 2 de setembro ultimo, o subsidio de 849.150 reis correspondente á verba de receita n.º 5, approvo o presente orçamento, ficando porem eliminadas as seguintes verbas de despeza: reis 40.000 de cantor; 24.000 reis do organista; 18.250 reis de 1 coreiro; 36.000 reis de foleiro e campainha; 5.650 reis dos padres de curaria, extincta; 1.259.040 reis do coro e clausulas annexas; reis 28.500 da missa do Campo Santo; 20.000 reis do dote da familia Mendes e 128.000 reis do dote da familia Salgado, de que já não existem representantes, passando todas estas verbas a favor da assistencia e beneficencia da Misericordia.

Braga, 19 de outubro de 1911.
O Governador Civil,
(a) Manoel Monteiro.»

Por sem duvida que na nossa terra nem tudo será um afinar de louvores e felicitações á criteriosa medida, ao gesto dignificante do illustre chefe do districto.

Ah! isso estão-se já a ouvir vociferar, de punhos accessos, desdobrando coleras contra o regimen:—d'um lado os legalistas conservadores, partidarios das ceculares prerogativas da Igreja, e do outro as damas bentas, apologistas da religião, «como freio»!

—Não pode ser; respeite-se a vontade dos testadores! São compromissos sagrados!

E' um sacrilegio! a vontade d'um morto está acima de tudo!... são legados!

—E' preciso sustentar o culto! E um grupo de pessoas «tementes», dando á lingua, em cata de indulgencias:

—Por isso Deus manda castigos ao mundo!...

Socegae, acalmae, ó devotas creaturas do Senhor!

Abandonae, ao menos por um momento, esses maus e presagos pensamentos tanto do desagrado do Pae Celeste, e, como quem faz boas contas, sommae todas essas verbas inuteis e estereis para o coração de Deus, calculae, depois d'isso, por quanto fica em media cada doente que entra n'aquelle hospital e, sem grande esforço de raciocinio, ahí tereis que essa operação de economia administrativa—sim, porque é de economia que se trata! —permittirá de futuro que entrem no hospital da nossa terra mais 30 pobres, talvez!

Como vêdes, ó devotadissimas almas! são os sem-amparo; são os desherdados, são os que gemem inclemencias da doença e da desventura... um cancro que roe o peito, escrophulas que venenam o sangue, a gangrena das feridas e as mulheres que geram os filhos como as cadellas, é toda essa escorrecchia de desgraçados sem assistencia, sem remedios e sem amparo, quem lucrou com esse acto nobilissimo que vós tanto ides condemnar, só porque tendes uma errada interpretação de qual seja a melhor e a mais alevantada forma de servir, de reverenciar, de amar a Deus!...

Protesta o cantor (20.000 reis)?
Protesta o organista (24.000 reis)?

Protesta o cureiro (18.250 reis)?
Protesta o foleiro (36.000 reis)?

Protestam os padres da curaria e mais os padres do côro e mais o padre da missa do Campo Santo (1.259.040 reis)?

Protestam, enfim, as memorias das familias Mendes e Salgado? Oh! deixae! deixae que todos esses protestos se fundam e caem em peso sobre o dictador... mas reparae que, em compensação, sobem em holocausto aos pés de Deus as graças e as bençãos dos que, em face d'esta medida, vão d'ora avante ser contemplados!...

Dizei por isso commosco: —Bem dita seja a hora, o dia, o momento em que o Governador Civil d'este districto assignou tão humano despacho!

Que mais falta?
...Que cada um volte contente e alegre para a sua vida, porque, enfim, mais esta verdade se depura:—A Republica é boa, generosa e magnanima. Se tantos ha por ahí que dizem mal d'ella, a culpa não é sua, mas d'aquelles que antepõem os interesses individuaes aos interesses geraes...

Viva, pois, a Republica!

Movimento operario

Os constructores civis fundam a sua Caixa de Soccorros

As classes operarias de Guimarães organisam-se, congregando os seus esforços a dentro dos seus nucleos associativos, para que assim mais seguramente possam deflender e proteger os seus interesses. D'esta maneira agindo e procedendo, resolveram os constructores civis recorrer ao publico, peticionando o seu auxilio para a grande obra de previdencia que se propõem.

Segue a formula da circular: «A Comissão organisadora da Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil, d'esta

cidade, no intuito de proporcionar aos seus socios doentes, ou por qualquer forma impossibilitados de prover, pelo seu trabalho, ao seu sustento e de sua familia, um pouco de allivio para minorar o seu infortunio, resolveu crear uma Caixa de Soccorros anexa á sua associação, a exemplo do que se tem feito em outras suas congêneres.

Sendo porém minguaos os seus recursos, pois que a pequena quotisação que a tal fim se destina não pode attingir senão em grande espaço de tempo sem distribuir os seus beneficios, o grau de relativa prosperidade que tão necessaria se torna, resolveu dirigir-se a todos os bons vimearanenses, que estão sempre prom-

ptos a contribuir com os seus recursos para estas obras de grande alcance social, implorando a sua coadjuvação no sentido de os auxiliar nesta empreza.

E assim, confiando na generosidade de V. Ex.ª, vem rogar-lhe a sua valiosa protecção, esperando que se dignará auxiliá-la com qualquer donativo, o que, desde já, agradece muito reconhecida.»

Que os bons esforços dos sympathicos elementos operarios d'esta comissão encontrem o melhor acolhimento por parte da generosa familia vimearanense, são os votos sincerissimos que este jornal exara, de conjuncto com os seus valimentos postos ao dispor da novel collectividade obreira.

Intolerancia e fanatismo

Quando a nacionalidade portugueza se ergueu robusta e frondosa, espalhando a sombra do seu vecejar pelos limites que as conquistas aos mouros lhe assignalaram, comportava no seu seio elementos de proveniencias varias. Abundavam os judeus, quer fixados na Peninsula pelas migrações semiticas, quer provenientes das hostes com que Tarik invadio a Hespanha. Avultavam os mouros conquistados, que aqui tinham creado raizes após esse dominio de séculos. Enxameavam os mosarabes, raça cruzada de mouros e christãos, especies de novos addidos á gleba, e dominavam incontestados os christãos, descendentes dos gódos e dos valorosos aventureiros que aqui tinham vindo a pelejar pela Cruz e a talhar neste bello e poetico solo um lar e um dominio.

Esta amalgama de homens de crenças e costumes diferentes, embora irrequieta, vivia em paz e fez prosperar a Nação, subordinando-se cada um ao seu papel historico. Os mosarabes eram os cultivadores, tratavam da agricultura e pecuaria, o nervo da republica, como se dizia então. Os mouros eram os artifices e artistas, recordando nas suas obras d'arte, as maravilhas da Alhambra e de Granada. Os judeus representavam a parte scientifica; eram médicos, astrologos, philosophos, negociantes, e exerciam até cargos de economia social que os punha em contacto com os ministros do rei.

Dada a sua invulgar capacidade, não é raro vê-los gosar de altos privilegios na nação, servindo os cargos de thesoureiros e cobradores de impostos reaes, de astrologos e conselheiros dos reis, em casos de alta monta. Em compensação tinham juizes e fóro especial que dependiam directamente de El-rei, e quantas vezes as suas grandes riquezas accumuladas no commercio não serviram de auxilio ao real erario, e foram saqueadas pelas classe nobres!

O elemento christão, a classe preponderante, vivia á custa das outras classes, já pelo dominio territorial, já pelo exercicio do culto e das armas. A forte raça christã só sabia trabalhar, com rarissimas excepções, com as armas na mão, alargando as fronteiras, conquistando, dominando e derramando o sangue proprio e ainda mais o alheio.

Estes elementos heterogeneos conseguiram fazer de Portugal uma nação prospera e respeitada. Apesar da fé viva dos christãos e da inabalavel crença dos hebreus, havia uma tolerancia digna de todo o respeito. Dissensões, que se erguessem entre os elementos christãos e hebreus, eram sempre de interesses e não de religião.

Portugal chegou ao apogeu da sua pujança no tempo de D. João I.º.

Não tendo já por onde alargar as suas fronteiras no continente foi até ás plagas africanas conquistar Ceuta aos mouros, e a seguir uma larga faxa de littoral comprehendendo formosas praças berbéres, que são hoje o sonho doirado de poderosas nações modernas. E nessa occasião ainda os moiros de Granada dominavam em Hespanha!

Veneza, a rainha do Adriatico, tinha o monopolio do commercio do Oriente. Os judeus portuguezes, commerciantes e viajantes, conheciam esse monopolio, as

(REVISTA DA ALVORADA)

Maravilhas da arte antiga

XVII

Roma

Os romanos conquistaram, 283 annos antes de J. C., a Etrúria, que desde o anno 1000 era habitada ao centro da Italia pelos povos emigrados da Lydia, na Asia menor. Formava a confederação etrusca um povo de indole sombria e cruel, praticando terriveis sacrificios humanos, estudando o futuro nas entranhas das victimas.

Eram, porém, exímios os etruscos em joias, esculturas tumulares e pintura, e fundaram na Italia o uso da abobada e da arcada, originaria da Asia, genero de construcção que foi o inicio da grandiosa architectura romana. Além das fortes muralhas, cujos restos existem na Toscana, admiram-se ainda os tumulos grandes como hypogeus, repletos de sarcophagos, abertos na rocha ou subterraneos, sobre os quaes se erguem torres conicas ou collinas artificiaes.

Figuras em alto relevo, em barro cosido, representando os mortos em vida, eram collocadas nas pedras que fechavam as sepulturas, e nos sarcophagos se encontravam numerosas joias de ouro de interessante valor.

Como no Egypto, usavam no interior d'esses recintos tumulares revestimentos de pintura, de influencia grega, quer em figuras isoladas, quer em assumptos sanguinolentos, como «Achillesimmolando prisioneiros troianos, aos manes de Patroclo.»

Os vasos etruscos, em argilla negra, (buccheros) eram, porém, grosseiros na forma e na pintura. A conhecida Ordem Toscana, a mais singela e robusta das classicas ordens architectonicas, proveio tambem d'este povo, comquanto se avente que ella é uma simplificação da ordem Dórica.

Chegamos enfim a Roma, que, em ultimo lugar, vem a fechar a lenta marcha da antiga civilisação, cujos emporios já descriptos ella dominou por largos seculos após dilatada conquista, no Oriente e no Occidente.

Por entre as espantosas luctas sustentadas pela republica e pelo imperio, não deixaram os romanos de prestar attentões á arte de construir, empregando para isso o trabalho dos escravos que as suas conquistas despejavam sobre Roma, onde muito artistas gregos se estabeleceram, concorrendo para a fusão do forte estylo romano com o formoso estylo grego, fundamento do estylo classico, que durante tres seculos enriqueceu Roma com a grande arte da architectura e da escultura, ainda hoje admiradas.

Conjugando, ainda, os dois estylos grego e etrusco, conseguiram os romanos dar aos seus monumentos architectonicos grandezza imponente, creando os arcos em pedra semi-circulares, empregados em portas e janellas, adornando-as com columnatas das diversas ordens gregas em varios andares terminados em platibanda. Com cimento que inventaram para ligação de fortes alvenarias de pedra miuda ou de tijolo, construíram formidaveis abobadas e deram ás suas edificações extraordinaria solidez e grandes proporções, que se destinavam, em geral, a grandes concentrações de povo.

Em Roma teve tambem começo a Ordem *Composita*, mixto de jonico e corinthio, tendo as proporções e detalhes d'este, a qual constitue uma forma rica empregada em monumentos sumptuosos.

Citaremos primeiro, entre as maravilhas da arte antiga romana, espalhadas em Roma e nas provincias do imperio, o monumento dedicado ao imperador Adriano, cujos restos constituem o actual castello de Santo Angelo, em Roma, por onde se pode inferir das suas colossaes proporções. Era de forma circular e adornado de ricos e artisticos adornos de marmore branco, com nichos e estatuas, columnas dóricas com dois porticos sobrepostos. Sobre um coroaumento conico levantava-se a estatua do imperador, substituida depois por uma immensa pinha de bronze e esta por um grande anjo do mesmo metal, á altura de noventa e cinco metros, a mais alta sepultura depois das pyramides do Egypto.

Outro tumulo igualmente gigante e circular era o de Cecilia Metella, mulher do triumvirio Crasso, bem conservada ainda na Via A'pia, tendo servido já de fortaleza. A sua decoração era feita de grinaldas com caveiras bovinas (*bucranes*), desapparecendo na Edade Media a cupula e a columnata. A espessura das muralhas é um assombro, porisso que tendo um diametro de 30 metros só existe no interior uma pequena sala conica onde foi encontrado o sarcophago, hoje no palacio Farnésio.

O *Fórum*, de Roma, que sobrelevava a todos em grandezza, dá uma idéa da magestade que tinham estes recintos de reunião deliberativa, além da sua vastidão posta a descoberto pelas excavações modernas, cujas ruinas se vêem na base do monte Capitólio, denunciando um amplo edificio rodeado de columnas, com os logares e tribunas que continha bem pronunciados. No alto avulta o templo de *Jupiter Capitolino*, do qual existem ainda magnificas columnas.

O *Coliseu*, obra tão grandiosa que de «colosseum» derivou o seu nome, foi mandado construir pelo imperador Vespasiano e inaugurado durante o imperio de Tito, podendo comportar cem mil espectadores. Destinava-se aos espectáculos de combates de gladiadores e mais tarde de feras, com os quaes se educava o povo no absoluto desprezo pela vida propria e pela alheia, deante da morte brutal e do derramamento de sangue no circulo ou arena.

Este prodigioso edificio tinha a forma elliptica, com oitenta metros por quarenta e seis, possuía quatro andares de diferentes ordens architectonicas, em arcarias os tres primeiros e em pilastras o ultimo, que suportava a cornija, á qual se prendia o enorme toldo, «velarium», para preservar do sol, durante as hecatombes humanas, os espectadores do circo. Em volta da arena erguia-se espessa muralha com uma grade para defender os espectadores dos saltos das feras, tendo ao rez do chão postigos de saída das jaulas, que eram construídas em dois andares subterraneos. O amphiteatro compunha-se de escadarias de marmore sobre abobadas, e no extremo havia um portico soberbo formado por oitenta columnas de ricos marmorss, e tribunas especiaes para os Cesares e outras auctoridades. Innumeras estatuas

de bronze, vasos com perfumes, balaustradas de crystal, columnas de jaspe e de póphiro, adornavam o famoso recinto, que devia ser de grandiosa imponencia e riqueza nos dias de tão barbaros divertimentos applaudidos pela immensa multidão de espectadores.

Na Edade Media, começou a sua ruína, sendo a grande obra explorada, como pedreira, para construcções dos palacios dos grandes de Roma, a que poz cobro o papa Leão X, que o consagrou como monumento aos martyres christãos da era das perseguições.

C. P.

ANNUNCIOS

Revogação de mandato

Na qualidade de tutor de minha mãe Maria Rodrigues, viuva, do logar do Monte da Feira, freguezia de Viatodos, comarca de Barcellos, e interdita por demencia—declaro eu Francisco Ferreira de Menezes, casado, da freguezia de Nine, comarca de Famalicão, que ficam revogados e caducos e sem effeito algum os poderes que se dizem conferidos por essa interdita em procurações e em escriptura denominada «**de sociedade civil particular**» a Antonio de Freitas Ribeiro, casado, proprietario, da rua 31 de Janeiro, da cidade e comarca de Guimarães, Abilio Fernandes Guimarães, casado, proprietario e empregado publico, logar da Feijoeira, freguezia de São Paio e São Pedro de Azurem, da mesma comarca de Guimarães e Eduardo Vieira da Cruz Pinto d'Almeida, casado, proprietario do logar da Freiria, freguezia de São João de Ponte, d'essa mesma comarca.

O que faço publico e annuncio, nos termos do § 1.º art. 646.º do cod. de proc. civil.

Barcellos, 7 de outubro de 1911.

Arrogo de Francisco Ferreira — Manoel José Lourenço.

Reconheço a assignatura de Manoel José Lourenço, casado, proprietario, da freguezia de Santa Maria de Gallegos, feita a rogo de Francisco Ferreira de Menezes, casado, lavrador, da freguezia de Nine, comarca de Famalicão, declarante este que não sabe escrever e que a declaração retro, que lhe li, exprime a sua vontade, tudo feito e declarado pelos proprios, que identifico perante mim e as testemunhas José d'Araujo da Torre, viuvo e Manoel Gomes da Fonseca, casado, proprietarios, da freguezia de Remelhe.

Barcellos, sete d'outubro de mil novecentos e onze.

José d'Araujo Torre, Manoel Gomes da Fonseca. Em testemunho (signal publico) de verdade Alberto Fernando Lopes de Sepulveda.

Tem colladas e inutilizadas duas estampilhas no valor de trinta reis.

suas origens, o seu trafico, e qual o Ashaverus da sua lenda, tinham percorrido esses paizes longiquos e lendarios que se estendiam para além do mar tenebroso, foram elles que lançaram no meio portuguez a cadeia da descoberta do Oriente pelo Atlantico. Os seus conhecimentos e instrucções, e os seus capitães deram a D. João 2.º o meio de preparar a armada com que Vasco da Gama no reinado subsequente realisou a empreza.

Portugal nessa epocha tinha a sua balança economica incomparavelmente mais prospera do que agora. No continente tinha maior população e a exportação deve ao paiz uma riqueza real e positiva, que hoje não temos comparativamente. Deslocando-se o fulcro do commercio oriental para os portos portuguezes, a nação deveria prosperar assombrosamente, e a ruína dos judeus de Veneza traduzir-se-hia em caudães de riquezas para os judeus portuguezes. Era realmente arrojado e grandioso o plano, e elle teria sortido o effeito desejado se a estulticia e intolerancia o não tivesse estragado, derrubando a nação do prestigio da gloria no lodçal da ignominia.

No tempo de D. Manoel tinha-se organizado a Companhia de Jesus que assentou arraiaes, logo ao nascêr, na côrte hespanhola influindo sobre os reis catholicos, e na portugueza captando o fervor de D. Manoel 1.º.

Aberto o caminho da India, e deslumbrados os portuguezes com as maravilhas do paiz do sol, a intolerancia religiosa principiou a sua obra. D. Manoel ambicionou reunir sobre a sua frente as côrças do mais vasto imperio que imaginação d'homem tenha sonhado, quiz, após a morte dos reis catholicos reunir aos illimitados dominios do seu imperio, os não menores de Hespanha. Os reis catholicos impuzeram-lhe por condição a expulsão dos judeus, como elles proprios já tinham praticado no seu paiz. Com mais ou menos lentidão e alcavalas assim se fez, e começa neste reinado o exodo dos homens que tantos serviços tinham prestado á nação, o martyrologio e a vergonha para uma raça que só tinha enriquecido o torrão natal.

Pela primeira vez se vio neste paiz e neste reinado a sublevação produzida pelos frades dominicanos que causou a morte, o incendio, o saque e a violação de milhares de judeus e christãos novos. Nem já o baptismo serve de egide á furia do fanatismo, quer-se aniquilar tudo que pertença á raça hebreia, esse nome d'uma religião que inscreve nas suas bandeitas «amar o proximo como a ti mesmo». Terrivel aberração d'uma religião toda de amor, que o odio e o interesse transforma na sua antithese!

Mas não vem longe o castigo! Os judeus expulsos da Peninsula vão para a Holanda e Inglaterra acolher-se á sombra de governos e povos mais liberaes, levam consigo o segredo e a sciencia do commercio, das artes, das industrias, e a letra de cambio transfere-lhe a maioria dos seus avultados capitães. Em breve as nações que os acolhem armam esquadras que dão caça ás armadas portuguezas; em breve o Oriente portentoso é presa desses povos do Norte, e só miseros restos do brilhante imperio ficam para attestar á humanidade como se derrue um colosso que assenta os allicerces no fanatismo e intolerancia!

E no entanto os judeus portuguezes refugiados nesses payses dão-lhes o commercio, a riqueza,

a sciencia, o predomínio, o habito do trabalho productivo, e a grande industria, factores que desaparecem do sólo portuguez e que só tarde poderão voltar quando um largo periodo de tolerancia permitta aos foragidos o regresso á sua antiga patria.

Y.

Todos teem obrigação de ser politicos: ser politico é servir a Patria com desinteresse.

CHRONICA DE VIZELLA

O hospital e os seus inimigos

Já a estas horas deve estar assignada a escriptura de compra de alguns terrenos destinados ao «Hospital de Vizella».

Sabemos que os dois restantes proprietarios não querem vender os seus terrenos pelo preço que lhes foi offerecido pelo muito digno administrador deste conceelho, preço aquelle que é superior ao da avaliação.

Qual será o motivo de tal intransigencia, poderá alguém perguntar?

De um d'elles, do sr. Cerqueira, não é preciso ser propheta para advinhar; basta conhecer a engrenagem do seu *modus vivendi*.

Antigos caciques amigos d'aquelle *nobre e altivo cavalheiro*, descontentes com a escolha do terreno destinado ao Hospital—e nisto está o motivo—procuram combater a existencia dessa instituição tão sympathica como util.

Esquecem-se esses *benemeritos* das muitas familias que vivem sob o jugo brutal da miseria e da doença;

Esquecem-se de que, se hoje vivem no meio de tapetes e de sedas, poderão, amanhã, ter de bater ás portas duma casa de caridade;

Esquecem-se de que o Hospital é para o povo de Vizella, para esse povo laborioso e cheio de bondade, á porta de quem tantas vezes bateram mendigando votos para assim alimentar as suas vaidades politicas.

E esquecem-se de tudo isto por causa do egoismo que os cega e os arrasta para o precipicio.

Queriam, os *illustres cidadãos* que o tempo das avenidas resuscitasse, no que ainda alguns teem esperança.

Mas esse tempo vae tão distante e as *tropas* do Paiva tão desoladas!

Coitadinhos!!!

Contra a attitude desses, que, por traz da cortina, procuram crear embaraços a quem tanto tem trabalhado para realizar a compra dos alludidos terrenos, luctará o «Centro Republicano de Vizella» e veremos quem vence.

E a ti, povo de Vizella, que sabes como a terra que nos serviu de berço vem, ha annos a esta parte, caminhando para o abysmo, cumpre defende-la, afastando do seu seio alguns elementos dissolventes que a enxameiam.

Se assim não procederdes, tem a certeza de que a derrocada será inevitavel e Vizella condemnada a desaparecer da carta geographica e os seus filhos a emigrar.

(Continúa).

Antonio Portas.

O melhor republicano é aquelle que cumpre integralmente os seus deveres civicos e partidarios.

ALVORADA

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda

Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)

Chá preto e verde de superior qualidade

Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella

Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Pengas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, effeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em procurar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

98, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

Deposito de luvas de pelica,
pelle de cavallo
e agasalho

ABRIU A ESTAÇÃO DE INVERNO

Grande sortido
de pellerines
e blusas, malhas etc.

PREÇOS FIXOS

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios
DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura	Preço das publicações
Anno 1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha 40 rs
Semestre 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso 20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.